

AS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO DA CULTURA NA POSTURA MULTIMETODOLÓGICA DO OBSERVATÓRIO DA REALIDADE ORGANIZACIONAL

Cristina Amélia Carvalho¹, Débora Paschoal Dourado²

Artigo recebido 22/11/2012. Aprovado em 01/12/2012.

RESUMO

O Observatório da Realidade Organizacional foi, sem dúvida, a principal realização de Marcelo Milano Falcão Vieira. Ele promoveu a formação deste grupo, no qual pesquisadores e alunos, em seus diferentes níveis de formação, puderam produzir conhecimento de maneira coletiva, com formato e conteúdo inovador e audacioso para a área de Administração. Neste artigo, foram contadas as dificuldades e as estratégias usadas para realizar este sonho sonhado. Entre as que Marcelou mais acreditou, estavam os projetos de pesquisa coletivos que agrupavam os pesquisadores em diferentes níveis e posicionamentos metodológicos, em torno de uma problemática “guarda-chuva”. Neste caminho se percebe que a contribuição do Marcelo não foi somente de fortalecer um grupo de pesquisadores, mas, a de perceber que a pesquisa social, notadamente na área dos Estudos Organizacionais precisa, para vencer suas limitações epistemológicas, de perspectivas múltiplas e ao mesmo tempo rigorosas e que a visão intercrucada de um coletivo de pesquisadores, movida por propósitos comuns, pode arremeter.

Palavras-chave: Grupo de pesquisa, postura multimetodológica, campo da cultura.

1 Doutora em Ciências Econômicas y Empresariales. Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do grupo de Pesquisa Observatório da Realidade Organizacional. cris_carvalho@uol.com.br

2 Doutora em Administração. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do grupo de Pesquisa Observatório da Realidade Organizacional. dcpdourado@gmail.com

TRANSFORMATIONS IN THE FIELD OF CULTURE IN THE OBSERVATORY OF ORGANIZATIONAL REALITY'S MULTIMETHODOLOGICAL POSTURE

ABSTRACT

The Observatory Organizational Reality was, without doubt, the main achievement of Milano Marcelo Falcão Vieira. He promoted the strengthening of this group where researchers and students at different levels of training, could collectively produce knowledge, with innovative and audacious format and content within the area of Administration. In this paper, the difficulties and the strategies that have been used in order to achieve this dreamed dream are described. Among the mechanisms, Marcelo believed the most on the collective research projects, in which researchers at different levels and with different methodological positions were grouped under a problematic "umbrella". In this sense, it is worthwhile to notice that the contribution of Marcelo was not only to strengthen a group of researchers, but to realize that social research - especially in the area of Organizational Studies - needs multiple perspectives and at the same time a rigorous and inter-connected vision of a collective of researchers, driven by common purpose, in order to overcome its epistemological limitations.

Keywords: Research Group, multimethodological attitude, field of culture

The content of GESTÃO.Org is licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 license.

O Observatório da Realidade Organizacional foi sem dúvida a principal realização de Marcelo Milano Falcão Vieira. Este grupo de pesquisa foi a forma que Marcelo encontrou para dar vida a um sonho, compartilhado com seus amigos e colegas dos tempos do curso de mestrado em Florianópolis para que, pesquisadores e alunos em seus diferentes níveis de formação, produzissem conhecimento de maneira coletiva, com formato e conteúdo inovador e audacioso para a área de Administração.

Podemos dizer que este foi o melhor “sonho sonhado” de Marcelo, como professor e pesquisador inquieto e sempre disposto ao desafio, mas foi também um sonho laboriosamente construído com os colegas e alunos que a ele se juntaram nesses anos de trabalho conjunto. O Observatório, inicialmente formalizado junto ao programa de pós-graduação em administração da UFPE, ganhou vida com o envolvimento de colegas de outros estados, nos programas de pós-graduação e escolas de administração da UFSC, FGV, UFRGS e UFAL. Foi nesta construção lentamente consolidada, que o Observatório se transformou em um grupo de pesquisa interinstitucional.

Não foi fácil atuar desta forma, tanto pelas dificuldades da distancia como pela falta de cultura que leva as universidades e as agencias a não terem mecanismos adequados a esta interação. Só para dar um exemplo, o CNPq, apesar de afirmar o valor dos grupos interinstitucionais e as trocas entre pesquisadores de instituições diferentes, não facilita o registro de grupos de pesquisa sem uma liderança sediada em uma só instituição. Marcelo Vieira levou esta questão às varias instancias em que atuou, em seu esforço e dedicação para construir um grupo múltiplo, diverso mas coerente, com amplo respeito à diversidade de pensamento.

Este projeto de trabalho coletivo foi construído a partir de variadas formas de trabalho, desde a responsabilidade compartilhada com os alunos conforme seu nível de formação, os grupos de estudo, as sessões de debate e discussão dos trabalhos de todos e de cada um e, por fim, o que ele considerava os elementos unificadores dos laços entre os pesquisadores: os projetos de pesquisa coletivos, para os quais se buscava financiamento do CNPq ou da CAPES.

Se no inicio de suas atividades como pesquisador Marcelo, a igual que a maioria de nós a partir dos anos 90, submetia projetos de pesquisa individual às agencias financiadoras, logo nos propôs a submissão de propostas nas quais poderíamos todos trabalhar lado a lado, construindo conhecimento colaborativamente.

É assim que, em 2003, o grupo submete e aprova, no âmbito do Edital Universal do CNPq, um Projeto Integrado de Pesquisa, intitulado *Configuração do campo da cultura no contexto da incorporação da lógica mercantil e os novos atores organizacionais*.

Este projeto envolveu uma equipe de quatro pesquisadores doutores, Cristina Amélia Carvalho da UFPE, Eloise Dellagnelo e Rosimeri Carvalho da UFSC e, Marcelo Milano Vieira, nesta altura já na EBAPE-FGV, bem como diversos alunos de doutorado, de mestrado e graduação. Este projeto foi o primeiro a cumprir um papel de dinamizador de todo um grupo de pesquisa coordenado por estes pesquisadores em suas respectivas universidades, bem como de catalizador de vários outros alunos-pesquisadores que se juntaram à pesquisa. Esta iniciativa foi, para todos que dela participaram, um desafio, na medida em que houve que dar coerência, integração e complementaridade ao trabalho de cada um, para que, somados, eles representassem não só a resposta à problemática de pesquisa mas, também, um significativo aporte no conhecimento acerca das organizações, dos modelos organizacionais, das práticas organizativas e do universo da cultura de modo geral, que se pretendia conhecer. Marcelo Vieira foi, sem dúvida o grande responsável por esta possibilidade de integração e costura, e este salto no trabalho coletivo.

O objetivo proposto naquela ocasião estava fortemente ligado aos interesses de pesquisa que Marcelo então desenvolvia junto com seus parceiros de trabalho. Este se voltava, tanto para a compreensão e análise das transformações que ocorriam no campo da cultura a partir dos atores organizacionais que o compunham, quanto para o incremento da lógica de mercado nas suas ações. Esta era principal questão que se observava no universo social sobre o qual refletíamos, e que Marcelo desafiava transferir para os questionamentos intelectuais. A avassaladora presença da lógica de mercado no universo da cultura foi então objeto de estudo, reflexão e denúncia do Observatório.

Este projeto, que avançou seu foco para diferentes níveis de análise que correspondiam ao estudo de diferentes níveis de ação no campo da cultura (local, nacional e internacional) e que abrangia espaços geográficos diversos de modo a ampliar seu poder de generalização, teve um papel importante na consolidação da compreensão do universo das políticas culturais no Brasil. Mas, o papel das organizações no processo social era sempre uma questão nuclear para Marcelo e, por isso, as organizações culturais de Pernambuco, do Rio de Janeiro, Santa Catarina e Alagoas foram, naquele projeto, os objetos preferenciais da análise.

Os resultados produzidos mostraram não somente as realizações ao nível da pesquisa acadêmica com produção intelectual teórico-empírica, mas também, na sua preocupação constante sobre a formação de alunos nos níveis de graduação e pós-graduação e, na ampliação do relacionamento dos pesquisadores e do grupo de pesquisa com a sociedade, nomeadamente o campo das organizações culturais.

Os projetos de pesquisa que se seguiram foram, como mostra este número especial, desenvolvidos em diferentes parcerias, dentro e fora do Brasil. Ainda que se perceba a coerência presente na interseção dos temas, percebe-se também o permanente desafio que se impunha para explorar novas questões teóricas e mesmo campos de investigação empírica. Foi num desses desafios, mas desta vez no âmbito da construção coletiva do trabalho e da interligação dos interesses de pesquisa de todos que compõem o Observatório, que Marcelo, em 2009, participou na construção do Projeto de Pesquisa Integrado, novamente submetido e aprovado ao Edital Universal do CNPq, intitulado *As transformações na configuração do campo da cultura no Brasil a partir da implementação das políticas nacionais de cultura desde 2003: uma análise das estratégias organizativas em cinco Estados da Federação*.

Nele, novamente, é apresentada uma proposta de investigação cujo propósito, que ele defende vigorosamente, é envolver todos os pesquisadores do grupo numa construção coletiva. É assim que, de Pernambuco, Débora Dourado e Luiz Alberto Mariz, de Santa Catarina, Eloise Helena Dellagnelo e Rebeca Barcellos, do Rio Grande do Sul, Cristina Amélia Carvalho, Rosimeri Carvalho da Silva, Mariana Baldi, Fernando Lopes e Sueli Goulart Silva, de Alagoas, Gustavo Madeiro e Rodrigo Gameiro e, por fim, do Rio de Janeiro, Janaina Machado Simões, Leonardo Darbilly e ele próprio, Marcelo Milano Vieira compõem a equipe. Caberá a ele argumentar, junto à equipe de pesquisadores que trabalha junta há anos no estudo do universo da cultura e de suas organizações e, mais recentemente, também das políticas culturais, a opção pela adoção de uma postura multimetodológica. Tratava-se, defendia ele, de fazer das diferenças nas perspectivas de olhar que ao longo dos anos haviam nascido entre os pesquisadores, um valor capaz de alimentar o enfrentamento das ideias com ganhos para todos e para o campo social que olhávamos. Assim, tratava-se de analisar as configurações no campo da cultura no Brasil, as posições, ações e modos de articulação dos atores sociais coletivos e individuais, desde as diferentes realidades empíricas de cada um dos estados, tomando como ponto de partida importante, mas não único, a implementação das políticas culturais a partir de 2003, mas resguardando a importância da ação das organizações e instituições nesse processo.

Em suma, o projeto propunha analisar a constituição histórica do campo das políticas de cultura no Brasil, discutir as novas políticas que então se construam, no âmbito nacional e estadual e, com apoio nas categorias Bourdieusianas, identificar os atores sociais e as posições que disputam e as dinâmicas relacionais que se impuseram no campo social das políticas culturais a partir de 2003. Não obstante, como sempre questionava Marcelo nos debates entre pesquisadores da área de Estudos Organizacionais, era indispensável descobrirmos as mudanças na estrutura e na gestão das organizações culturais ocorridas no período.

O que levou Marcelo Vieira, novamente, a incentivar o grupo de pesquisa a focar-se coletivamente nesta questão, era a sua convicção de que o universo da cultura não era, como continua não sendo, objeto de investigação no âmbito dos estudos organizacionais, nem o universo tradicional de pesquisa e, portanto, tampouco às especificidades deste universo social se destinam a maioria das reflexões conceituais. É de alguma maneira para reivindicar, não como foco, mas como palco de estudo, todo e qualquer cenário onde os indivíduos se organizam e gerenciam seu cotidiano, que nos aproximamos da cultura pela categoria do campo social. Ao fazê-lo privilegiamos a análise a partir das relações que estabelecem indivíduos, coletivos e a sociedade de modo geral, ao invés do enquadramento exclusivo nas estruturas formais, sem, entretanto, desprezá-lo.

Compreender o processo de transformação deste campo social – que aglutina tanto importantes dimensões simbólicas como políticas, construção de identidade, mas também de alteridade – passou a ser uma dimensão imprescindível para historicizar os estudos organizacionais.

Esta ampliação da abordagem para dimensões societárias, mas, em paralelo a preservação das estruturas e processos de gestão das organizações como objeto da atenção, favoreceram a amplitude da proposta metodológica e da abordagem ao campo empírico, bem como permitiram o recurso a aproximações conceituais que, se num primeiro momento pareceram se enfrentar, num segundo momento permitiram traçar um cenário do campo da cultura multifacetado, que preservou sua complexidade e delineou prognósticos e tendências úteis para a compreensão de todos os agentes deste campo.

Não havia desta forma, e essa era uma questão importante para Marcelo Vieira, a negação do campo dos Estudos Organizacionais que, grosso modo e tradicionalmente, tem como objetos empíricos a organização e a gestão analisados a partir do referencial de

disciplinas como Sociologia, Ciência Política, Economia, Psicologia, Antropologia, História, além de metáforas da Biologia, Física Quântica, Química e Matemática (REED, 1998). Segundo Scott (1995) foram os teóricos dos anos 50 e 60 que começaram a reconhecer a importância de coletividades particulares – as organizações – como unidades significantes no universo social. Distintas tanto das amplas instituições sociais como do comportamento individual, as organizações foram percebidas como elos potenciais de conexão entre os indivíduos e o mundo social. Assim sendo, os estudos organizacionais passaram a exigir novos aportes que não aqueles voltados exclusivamente para os aspectos internos às unidades de produção.

Apesar do funcionalismo congênito e do tom monocórdico dos Estudos Organizacionais em torno das organizações empresariais, nas últimas décadas do século XX, novos campos, modos e perspectivas surgiram como objeto de estudo e investigação. Aparece então uma crescente diversidade, fluidez, fragmentação e mudanças substanciais não apenas nas teorias e práticas organizacionais, como também nos pesquisadores (CLEGG e HARDY, 1998). Assim, começaram a emergir nos Estudos Organizacionais diferentes visões sobre o que são organizações e como devem ser estudadas e compreendidas: caminhos ortodoxos e relativistas, ciência normal e contra-normal (MARDSEN e TOWNLEY, 1998). Esse caráter multiparadigmático implicou na multiplicidade de formas de compreensão e decorre, antes dos enunciados teóricos e técnicos, das posições ontológicas e epistemológicas (GODOI e BALSINI, 2004).

Nossas reflexões a este respeito nos levaram a reforçar que, estudar a amplitude do fenômeno organizacional integrando as teorias às práticas significa considerar a variedade de realidades organizacionais nos seus mais variados contextos. Se a sociedade moderna tem no modelo empresarial a referência básica para a compreensão e, mais do que tudo, a prescrição de práticas administrativas, também se consideram diferentes modalidades de gestão que não se ocupam com essa forma econômica específica.

Então, apoiados em Ramos (1981, p. 2) reiterámos, neste projeto, que as práticas administrativas se expressam e podem ser reconhecidas sob diferentes conteúdos em diferentes contextos. Dentro dessa perspectiva, a teoria organizacional pode se fundamentar em bases epistemológicas distanciadas de “uma dimensão normativa disfarçada imposta pela configuração de poder estabelecida [...] que se fundamenta numa racionalidade instrumental, particularmente característica do sistema de mercado”.

Dessa forma, um dos caminhos promissores a trilhar é a busca e a construção de objetos de pesquisa que ofereçam a possibilidade de analisar a “produção da organização”. Este foi o propósito orientador deste projeto de pesquisa, que se erigiu em um problema de trabalho de um conjunto de pesquisadores, apresentado como um guarda chuva teórico-metodológico, cujo valor residia no uso de múltiplas abordagens que se complementassem e se enfrentassem, e permitiriam relatar e retratar a construção do organizar e a emergência de outras práxis no campo da cultura.

A política cultural que foi constituída em meados dos anos 90, foi um marco em relação aos períodos anteriores por ser submetida ao controle do parlamento, e, por isso, ter mais participação da sociedade civil e do mercado nas decisões. Os governos social-democratas da década de 90 defenderam a democratização do acesso à cultura e aos bens culturais, mas usaram a maximização da efetividade dos mecanismos de fomento, como direção (MOISÉS, 2001). As políticas públicas culturais restringiam-se a sofisticar e divulgar as leis de incentivos e desconsideravam qualquer tipo de ação no campo da cultura.

As análises que, no âmbito do Observatório, realizamos em pesquisas anteriores sobre a mercantilização do campo da cultura e suas transformações, nos permitiam supor que as políticas culturais do governo federal, a partir de 2003, tinham provocado um grande impacto no campo. A organização do Sistema Nacional de Cultura e o Plano Nacional de Cultura, além da criação de programas como o Cultura Viva, impactaram no campo e provocaram mudanças que o reconfiguraram. Tais mudanças criaram, em nosso entender, novas relações e transformaram as organizações existentes, alterando a força política e econômica de atores no campo, bem como incluíram novos atores e influenciaram novas estratégias para os atores em ação neste campo.

O Sistema Nacional de Cultura, eixo estruturante dessas políticas, articula uma agenda de planos e ações de cultura no país, na qual cada ente federativo, em seu respectivo nível, estrutura seu próprio sistema, mas depende da participação da sociedade civil na definição das prioridades e no controle e acompanhamento das metas. À sociedade civil é reservado, portanto, “papel decisivo na construção dos sistemas culturais públicos e do Estado democrático” (BRASIL, 2005a) para gerar um “sistema de articulação, gestão, informação e promoção de políticas públicas de cultura, pactuado entre os entes federados, com participação social” (BRASIL, 2005a). É proposta uma grande reforma do aparelho nacional

de gestão da cultura por meio da articulação entre estados e municípios e o governo federal e a descentralização regional de recursos mediante a institucionalização dos fundos geridos de forma compartilhada com a sociedade.

Estas políticas e ações pareceram-nos, naquele momento, um substrato fértil para a análise na área de organizações por terem como eixo central, o processo e as estratégias organizativas, além do foco já tradicional dos estudos organizacionais sobre as organizações formais. Muitas ações e manifestações culturais que estudamos foram movidas e coordenadas por coletividades que não se encaixam nos formatos organizacionais tradicionais. Caracterizavam-se como movimentos sociais e/ou culturais que, como a própria expressão indica, se preocupavam, prioritariamente, com a dinâmica das coletividades e das expressões e não com a formalidade das regras, dos cargos, das hierarquias. Entretanto, desde sua adesão ou inclusão em políticas e programas oficiais, essas coletividades foram sendo chamadas a definir espaços e modos de gerir suas atividades.

Estas compreensões se, por um lado nos indicavam inegavelmente a força da teoria dos campos sociais de Bourdieu para fornecer a amplitude teórico-metodológica inicial necessária à tentativa de compreensão dos processos de reconfiguração, por outro lado, proporcionava uma referência analítica fundante – as relações dos atores no campo – que sustentaria o próprio ato da pesquisa, as convergências e divergências entre diferentes pesquisadores, especificidades teóricas e metodológicas.

Assim, o universo empírico sobre o qual, há anos nos debruçávamos, isto é, a nova fase da política nacional, na área da cultura, e os processos de democratização e participação inscritas no programa de governo, foram para nós não só um objeto de observação, interpretação e análise mas, também, um desafio. Marcelo teve, sem dúvida, uma grande responsabilidade em provocá-lo e, desta forma, desafiar a construção de uma compreensão coerente mas, desde perspectivas diferentes que se somassem ou se enfrentassem para compreender a realidade.

Como é perceptível na ideia que norteia este projeto, sintetizada no problema e decomposta nas perguntas de pesquisa, diferentes posturas de pesquisa se anunciam. Se por um lado é visível o foco na dinâmica estruturadora das relações e das transformações societais, organizativas e individuais no campo social da cultura, por outro lado, também é claro o interesse em compreender os “objetos” que constroem ou participam dessa dinâmica, isto é, as políticas, a gestão, as organizações e os indivíduos.

Na tentativa de assegurar suporte metodológico adequado ao problema proposto bem como a uma equipe com perspectivas que foram se diferenciando ao longo do tempo, esta pesquisa lançou mão de múltiplos métodos.

A adoção de uma perspectiva multimetodológica permite encontrar solução para um problema que diz respeito ao processo de estruturação das práticas sociais, cuja investigação, segundo Giddens (1976, p. 129 e 169), consiste em explicar “como as estruturas são constituídas pela ação e, reciprocamente, como a ação é constituída estruturalmente”. A opção pelo uso de múltiplos métodos de pesquisa possibilita solucionar o embate entre o entendimento dos fenômenos sociais sob perspectiva macro-estrutural, tendente a explicações deterministas, *versus* o entendimento micro-estrutural que enfatiza explicações e processos criativos e interativos e, portanto, mais voluntaristas. Patton (2002) reforçava nossa opção ao afirmar que a abordagem multimetodológica, ou a triangulação, como a denomina, é a opção ideal quando se trata de revelar diferentes aspectos da realidade e, na nossa experiência, desde diferentes prismas.

Assim, o foco da pesquisa foram as relações que se estabeleciam no campo da cultura, as políticas, os atores sociais coletivos e individuais que o compõem a partir de uma abordagem multimetodológica que permitiria, justamente, múltiplas possibilidades de interpretação das transformações do campo da cultura no Brasil que, em diversos momentos da pesquisa teríamos que por frente a frente.

O reconhecimento acerca da relevância da abordagem multimetodológica adotada nesta pesquisa decorreu não só deste caminhar teórico da equipe que Marcelo incentivou, mas também por sua atitude *open mind*, ao assumir com honestidade ontológica, seu olhar acostumado às organizações de cultura formais e, por isso, a necessidade de agrupar outros olhares sobre o campo empírico para compreendê-lo com mais profundidade.

Há, com isso, que observar que a contribuição do Marcelo não foi apenas de formar um grupo de pesquisadores como o Observatório da Realidade Organizacional, mas a de perceber que a pesquisa social, notadamente na área dos Estudos Organizacionais, precisa, para vencer suas limitações epistemológicas, de perspectivas múltiplas e ao mesmo tempo rigorosas, que a visão intercruzada de um coletivo de pesquisadores, movida por propósitos comuns, pode arregimentar.

REFERENCIAS

BRASIL. **O dia-a-dia da cultura**. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br>> Acesso em: 16 de março de 2005. 2005a.

CLEGG, Stewart R; HARDY, Cynthia. Introdução: organização e estudos organizacionais. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (orgs. da 1 ed). CALDAS, Miguel; FACHIN, Roberto; FISCHER, Tânia (orgs. da edição brasileira). **Handbook de estudos organizacionais**. v. 1. São Paulo Atlas, 1998. p. 27-57.

GODOI, Christiane Kleinübing; BALSINI, Cristina Pereira Vecchio. A Metodologia Qualitativa nos Estudos Organizacionais: análise da produção científica brasileira entre 1997 e 2003. In: Encontro dos Estudos Organizacionais - Eneo, III, 2004, São Paulo-SP. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2004. 1 CD-ROM.

MARSDEN, Richard; TOWLEY, Barbara. Introdução: a coruja de Minerva – reflexões sobre a teoria na prática. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (orgs. da 1 ed). CALDAS, Miguel; FACHIN, Roberto; FISCHER, Tânia (orgs. da edição brasileira). **Handbook de estudos organizacionais**. v. 1. São Paulo Atlas, 1998. p. 31-56.

MOISÉS, José Álvaro. Estrutura Institucional do Setor Cultural no Brasil. **Cadernos do Nosso Tempo**. Cultura e Democracia. Rio de Janeiro: FUNARTE, vol. 1, p. 13-55, 2001.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative research and evaluation methods**. London: Sage Publication, 2002.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A nova ciência das organizações**: uma reconceitualização da riqueza das nações. São Paulo: FGV, 1981.

SCOTT, Richard. **Institutions and organizations**. London: Sage, 1995